

BOLSA DO COMMERCIO EM S. PETERSBOURG.

S. Petersbourg é na realidade uma cidade italiana, franceza, ingleza, alemã, e não uma cidade russa, pois que só Moseow assim pode chamar-se por antonomasia. Mas, assim mesmo como foi creada, rodeada do resto do imperio, S. Petersbourg offerece a imagem fiel de toda a nação, de toda a sociedade russa tal como a fizeram a natureza, a historia, e as instituições. Esta grande capital, toda ella moderna, toda europea, lançada no meio de um paiz quasi asiatico, mal povoado e mal cultivado, atrasado em consequencia das leis, dos costumes e usos, e das artes, é uma sociedade que reúne os dois extremos sem intermedio, desprovida de toda a classe media, de toda a transição apresentando uma casta de nobres no meio de um povo de servos, a riqueza excessiva entre a excessiva pobreza, a sciencia de alguns entre a commum ignorancia, a civilisação cercada da barbarie, o seculo decimo nono enxertado no decimo terceiro, como diz mr. Viardot nos seus «*Museus de Alemanha e da Russia.*»

«O que impressiona mais em S. Petersbourg (diz M. de Custine) é a quantidade e a forma das torrinhas, agulhas metalicas, espigas de campanarios, que se levantam de toda a parte, e ao menos isto é architectura nacional, porque S. Petersbourg é semeada de numerosos e vastos conventos com suas torres de sinos. Estas agulhas doiradas ou pintadas cortam as linhas monotonas dos telhados da cidade; rompem pelo

ar-com flechas tão agudas que a vista mal pode distinguir o ponto onde a doiradura que as recama se perde na cerração de um ceo polar; as mais notaveis são a agulha da cidadella, raiz e berço de S. Petersbourg, e a do almirantado revestida do oiro dos ducados de Hollanda offerecidos ao czar Pedro pela republica das Provincias Unidas. Estes pennachos monumentaes, imitados dos toucados asiaticos, parecem-me de uma altura e arrojo extraordinario; custa a crer como se teem no ar; é um ornamento verdadeiramente russo. Figurae, pois, um ajuntamento immenso de zimbórios acompanhados dos quatro campanarios, construcção obrigada n'uma egreja dos gregos modernos; imaginae multidão de cupulas prateadas, doiradas, azuladas, estrelladas, e os tectos dos palacios pintados de verde esmeralda ou d'ultramar, as praças ornadas de estatuas de bronze em honra dos principaes personagens historicos da Russia e dos seus imperadores, guarnecei este painel com rio caudal que em dias bonancosos serve d'espelho, e nos de tempestade de repellir todos os objectos; juntae-lhe a ponte de barcas de Troitza lançada sobre o ponte mais largo do Neva entre o campo de Marte, onde se perde no espaço a estatua de Souwarow, e a cidadella onde Pedro o grande e a sua familia descansam em jazigos destituidos de ornamentos; finalmente imaginae que a esteira de agua do Neva sempre cheio corre rente da terra e apenas respeita, no meio da cidade,

de, uma ilha toda guarnecida de edificios com suas columnas gregas sustentadas em alicerces de granito e erectas conforme desenhos de templos pagãos; se comprehenderdes bem este conjunto, perceberéis como S. Petersbourg é uma cidade infinitamente pittoresca apesar do mau gosto de grande parte da sua architectura de emprestimo, não obstante a tinta paludosa das planicies que a rodeiam, a ausencia total de accidentes de terreno, e o descorado dos dias amenos do verão n'aquelle embaciado clima do norte.»

Todavia, ha edificios modernos, que são magnificos e regularmente construidos; d'este numero é a bolsa ou praça de commercio edificada na ilha Vassili, cujos lanços de escadaria descem até ao rio; no terreiro em frente avultam duas columnas rostradas á romana, de cem pés d'altura, adornadas como indica o nome com prôas de navios, são ôcas por dentro e nas summidades, para onde tem escadas de ferro interiores estão collocados vasos gigantes, que se enchem de combustivel em todas as occasiões de iluminação publica. A sala da reunião dos commerciantes recebe a luz de cima. De ambos os lados ha espaços occupados por arcadas.

Outro edificio, a casa do correio, que tambem vae gravado n'este numero, tem grandes accomodações e uma sumptuosa fachada.

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Passada esta capella fica a que tem invocação da Senhora da Piedade, apesar de se lhe chamar tambem a do Senhor Jesus, porque na cruz, ao pé da qual está a Senhora com o Filho nos braços, se acha tambem a imagem de Christo crucificado.

Esta capella na sua fundação foi dedicada a S. Sebastião, e por isso lhe pozeram no tecto e paredes as settas. Fôra feita com esmolas que deu a rainha D. Catharina; mas pelo andar dos tempos, os padres a deram a Martim Gonçalves da Camara, grande valido d'el-rei D. Sebastião, e que era irmão do padre Luiz Gonçalves, mestre que foi do mesmo monarcha.

O referido Martim Gonçalves recolheu-se depois do seu desvalimento á casa de S. Roque, e fallecendo n'ella, foi sepultado n'esta capella. Com a testamentaria d'elle compraram os padres dez mil réis de juro para premios das doutrinas que n'esta casa se faziam, os quaes se accrescentaram a outros vinte cinco mil réis de

juros que elle, em sua vida, havia comprado para o mesmo fim; e que se distribuiam tanto pela doutrina da casa de S. Roque, como da provincia.

N'esta capella se instituiu tambem uma irmandade de Nossa Senhora da Piedade.

A quarta e ultima teve a invocação do Espirito Santo. Foram padroeiros d'ella Bartholomeu Froes, e Sneyra de Vasconcellos, sua mulher. Esta capella era de todas a mais pobre de ornato, por não ter irmandade. A magnificencia d'el-rei D. João v trocou a sua pobreza em galas esplendida, como adiante diremos.

Faz-se notavel no corpo da igreja de S. Roque uma sepultura, que fica por baixo do pulpito da parte do Evangelho. Lê-se n'ella a seguinte inscripção:

«Aqui está em pé o corpo de D. Francisco Tirgiam, fidalgo inglez mui illustre, o qual depois de confiscados seus estados, e grandes trabalhos padecidos em vinte oito annos de prisão pela defensão da Fé catholica na perseguição da rainha Isabel, no anno de 1608, a vinte e cinco de Setembro morreu n'esta cidade de Lisboa com grande fama de santidade. E havendo dezesete annos que estava sepultado n'esta igreja de S. Roque da Companhia de Jesus, no anno de 1625, a vinte e cinco de Abril se achou seu corpo inteiro e incorrupto. E foi collocado n'este logar pelos catholicos inglezes, residentes n'esta cidade aos vinte cinco de Abril de 1626.»

Este D. Francisco de Trigiam era, como se vê, um cavalleiro inglez, senhor de muitos vassallos. Foi casado com D. Maria Stourten, neta dos condes de Dardi, senhores mui poderosos em Inglaterra. Viveram no catholicismo, no tempo da rainha Isabel pagando grandes penas pecuniarias impostas áquelles que professavam a religião orthodoxa. Succedeu que fosse preso em casa de D. Francisco um sacerdote, no anno de 1577, que foi suppliciado em Novembro d'esse anno; e D. Francisco que lhe dera asylo foi condemnado a carcere perpetuo, e confiscação de bens. Quando morreu a rainha Isabel, foi o fidalgo inglez solto do carcere, e desterrado. Passou a Hespanha, onde D. Filippe III lhe assignou uma pensão de setenta escudos cada mez, e de Madrid passou a Lisboa, onde residiu até á sua morte.

Na mesma igreja teve logar a sepultura de Simão Gomes, vulgarmente chamado o Sapateiro Santo, ao qual attribuiam os sebastianistas umas prophcias com as quaes pretendiam autorisar a miraculosa vinda do infeliz rei D. Sebastião, morto na jornada d'África. Diz a Chronica que este Simão Gomes, filho de um sapateiro do logar de Marmeleiro, junto a Thomar, e que exerceu o mesmo officio ainda em porteiro das casas religiosas da Companhia, era muito estimado do infante D. Luiz, do cardeal D. Henrique, e tambem do duque de Aveiro, que comtudo não tiveram forças de o arredar d'aquella occupação na qual morreu, e que foi realmente alumiado

com o espirito de prophacia, não sabendo ler, nem escrever; e que conheceu muitos contingentes futuros, entre os quaes se designam a grande peste que assolou o reino, a perda de D. Sebastião, e a entrada dos castelhanos.

Tambem n'esta egreja teve sepultura o padre mestre Simão Rodrigues, que foi, como se viu no principio d'esta nossa Chronica, um dos companheiros de Santo Ignacio, e o fundador da Provincia em Portugal, tendo tambem depois a Provincia do Aragão quando se dividiu da de Castella. Os seus ossos estavam soterrados atraz de uma pedra branca de dois palmos em quadro junto á porta por onde se entra na via sacra, do lado da capellinha da Trindade, saindo já do corpo da egreja, e entrando no cruzeiro; porém no anno de 1705 se lhe melhorou a sepultura substituindo o marmore branco por outro preto com molduras que guarnecem outro amarello, e lançando-se-lhe a mesma inscripção que tivera a primeira.

Na via sacra passando da egreja para a sacristia fez levantar D. Francisco de Bragança um altar com seu retabolo de talha doirada, representando no painel a Annuñciação da Senhora, e na frente d'esta capellinha umas grades de pau santo, e nos lados da via sacra alguns paineis com passos da vida da Senhora. No mesmo pavimento foi soterrado, declarando-se na inscripção da campa que era de pedra branca, ser elle sacerdote do conselho dos reis d'este reino, e ter fabricado aquella capella e altar. Era neto do duque D. Jayme, primo coirmão de el-rei D. João III.

Fronteira a este altar fica a porta com passagem para os corredores da casa; e outra porta a um lado da via sacra, dá entrada para a sacristia, da qual mais adiante tambem fallaremos.

Tratando das antigas capellas dos Martyres e Santas Virgens, fallámos do thesouro de reliquias que n'ellas se expunham. Aqui damos uma relação não só das que foram doadas á casa de S. Roque por D. João de Borja, mas egualmente das que a mesma casa já anteriormente possuia; segundo consta da Chronica manuscrita a que nos reportamos, e da relação dos festejos com que as reliquias se receberam, escripta pelo licencado Manuel de Campos. Esta nota servirá para se comparar com as que se encontraram n'esta egreja ha poucos annos, provando-se assim estarem muito desfalcadas.

Na capella dos Santos Martyres eram as seguintes:

Quatro meios corpos de prata com as cabeças de

- S. Gregorio, Thaumaturgo, bispo confessor;
- S. Clemente, bispo e martyr;
- S. Vidasto, bispo de Arles, confessor;
- S. Chrisanto, bispo de Basilea.

O Santo Sudario, pintado em tafetá branco, que foi tirado pelo proprio, que está em Turim,

e o houve D. João de Borja, por meio da imperatriz.

Uma cabeça dos Santos thebanos, companheiros de S. Mauricio.

Seis braços de prata, com reliquias dos Santos seguintes:

- S. João, Esmoler;
- S. Sebastião, martyr;
- Santo Antonio, de Padua;
- S. Roque, confessor;
- S. Giriam, martyr;
- S. Optom, bispo.

Onze braços de pau doirados, e estofados, dos Santos seguintes:

- Santo Estevão, papa, martyr;
- S. João, e S. Paulo, martyres;
- S. Mauro, e Audiface, martyres;
- S. Chrispim, martyr;
- Santissimos Martyres de Trevisis.

Mais cinco braços de outros Santos Martyres; entre elles S. Gereão, martyr, capitão da companhia de S. Mauricio.

Uma Custodia de prata, que tem dois anjos que a sustentam; tem duas cruzes do Santo Lenho, com doze repartimentos, em que estão as reliquias de Santos Innocentes, S. Coloniano M., S. Acasio M., S. Florianio M., S. Usualdo rei, S. Candido duque, S. Eleuterio M., S. Procopio Abb., S. Gil Abb., Santo Albano M.

A cruz de prata pequena, que tem o pé quadrado com engastes redondos, e lettreiros das reliquias de Christo Senhor Nosso, da Virgem Senhora, dos Apostolos, e outros Santos. Especificando estas reliquias, vem a ser: — Uma cruz do Sagrado Lenho; da toalha da mesa do Senhor; da tunica interior da Virgem Maria; de S. João Baptista: — dos *Apostolos e Evangelistas*, S. Pedro, S. Paulo, Santo André, S. Thiago maior, S. Filippe e S. Thiago, S. Bartholomeu, S. Thomé, S. Matheus, S. Mathias, S. Barnabé, S. Thadeu, S. Marcos Evangelista: — dos *Martyres*, Santo Estevão, S. Lourenço, S. Vicente (um pedaço de queixo com dois dentes), S. Gregorio, S. Sebastião, Santos Cosme e Damião, S. Christovão, S. Venceslau, S. Erasmo: — S. Gregorio papa, Santo Agostinho, S. Jeronymo, Santo Ambrosio, S. Domingos, S. Bento abbade, S. Bernardo abbade, S. Gregorio bispo, S. Nicolau bispo: — das *Virgens Martyres*, Santa Eufemia, Santa Ignez, Santa Barbara, Santa Apollonia, Santa Christina, Santa Cordula, Santa Catharina, Santa Luzia, Santa Dorothea: — e das *Santas* Maria Magdalena, Isabel viuva, Maria Salomé, Photina (que dizem ser a Samaritana), Afra, Elvira, Maria Egypciaca, Helena imperatriz, e Anna, mãe de Nossa Senhora.

Uma cruz de prata de tres palmos de alta, lavrada, tendo d'um lado Nossa Senhora e do outro um Crucifixo.

Uma columna de prata, de dois palmos de alta, que tem a reliquia de S. Lucio, papa e martyr.

Continua. F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação.

IV

SAMUEL.

Logo adiante do *Postigo do Carrão*, a que vulgarmente se chamava o *Arco do Espinho*, e pelo qual se passava para a Tanoaria e Fundição, appellada a *Ferraria pequena*, era a casa do mercador Samuel, christão novo, da extracção dos judeus que el-rei D. Manuel, no seculo XVI, arrancara a seus paes para serem educados na religião de Christo.

A posição da casa de Samuel era adrede talhada para o mester em que se empregava: e realmente com esses intentos elle a havia escolhido. Proxima á Fundição e á Tanoaria, tinha mesmo á mão os officios com que mais tratava os seus negocios de ferro, tanto novo como velho, que para este ultimo, além do que comprava sizado, trazia no inverno uns poucos de rapazes á gandaia, apanhando nas enxurradas o que estas traziam d'involta. Como do mesmo *Arco do Espinho* (que por signal tinha seu portal de pedra lavrada como qualquer das outras portas antigas, e duas cabeças de pedra, uma de homem e outra de mulher) não se distanciava muito o *Tronco*, ahí fazia elle tambem seus negocios, pois conhecia todos os presos de então, e sabia-lhes as manhas e artes para que eram bons, não se esquecendo de continuar as relações de amizade, quando os desembargadores de el-rei soltavam algum. Negociava tambem em pannos de fora do reino; em canella, em cravo, pimenta, e outras especiarias da India e dos Brazis. Mas devemos dizer que a maior parte d'estes negocios eram feitos a occultas, e por intervenção de outras pessoas, que o unico licito, e porque entrava em corporação, era o de mercador.

Comtudo se Samuel sizava aos direitos e fazenda de el-rei negociando muito em contrabando, e não escrupulisava em dar grandes sommas á onzena, e comprar valores que bem conhecia não provirem de origem pura, não era capaz de faltar um dia á missa na capella real de S. Thomé, edificada por el-rei D. Manuel no seu palacio da Ribeira, e isto para impor de bom christão ás pessoas da cõrte, de quem ambicionava creditos, — com medo da inquisição, que ali no palacio dos Estãos, ao Rocio, que antigamente servira de hospedagem para os embaixadores, tinha o seu tribunal e carceres.

Até se dizia que Samuel tivera pretensões a uma nomeação de familiar do santo officio, e que desistira por não poder apresentar certos papeis em regra, nos quaes provasse que por tantas ascendencias era christão velho. Se o não conseguira porém, soubera ganhar as boas amizades dos padres de S. Domingos, (o que era meio ca-

minho andado para se forrar ás inquirições do santo tribunal) acudindo com algumas sommas não só ás urgencias particulares de alguns frades quando tinham de dotar irmã ou parenta, que n'isto eram elles muito officiosos, mas tambem ás do convento, bem entendido que nunca do seu, como elle dizia, porque o não tinha, mas alcançado por credito entre os da sua corporação.

Não se descuidava tambem de quando em quando o bom Samuel d'algun donativo para a igreja de S. Domingos, como por exemplo uma peça de finissima cambraia para toalhas do altar e corporaes, ou de preciosissimas rendas de Flandres para o sumptuoso templo de Nossa Senhora da Escada, ali junto a S. Domingos, e que era tambem capella real.

Dos donativos que todos os annos fazia ao Hospital de Todos os Santos, isso então não fallemos. Assim era que o seu credito subia de dia para dia entre os physicos e padres Camilões que tinham o mesmo Hospital a seu cargo.

Costumava dizer elle, com uma ardente caridade, quando lhe agradeciam estes donativos: — «De Deus me vem, e para Deus volta. Para mim não quero mais que o necessario á vida: o resto é dos pobres que são os herdeiros do que morreu nu sobre a cruz para nos salvar pelos infinitos merecimentos da sua misericordia.»

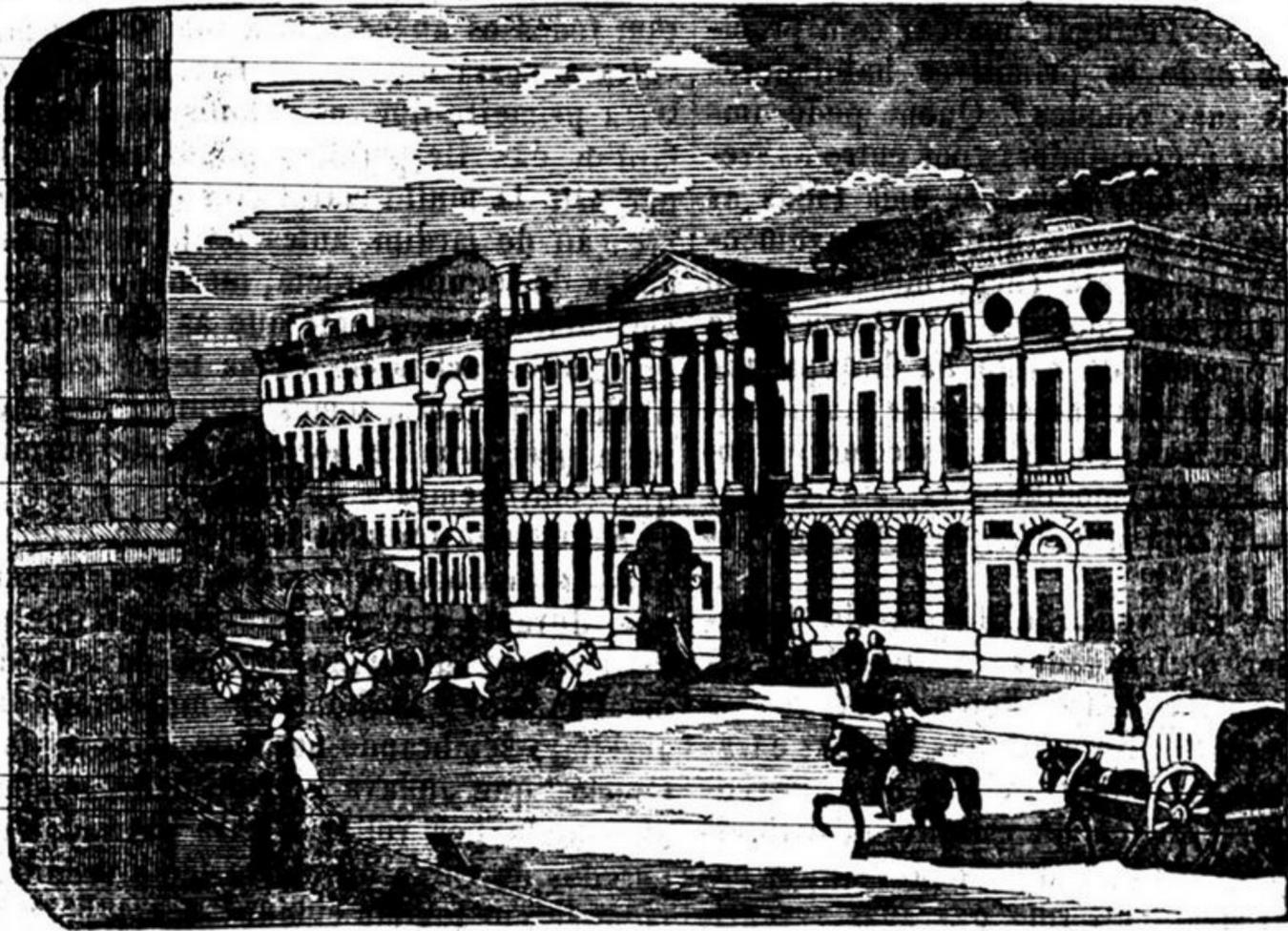
Fora d'estas esmolas, no que realmente mais entrava o calculo do que a caridade, nenhuma viuva, orphão, ou pobre lhe arrancava um ceutil. Dizia elle que Deus o livrasse de animar a ociosidade; porém a verdade era, que taes esmolas dadas a occultas não tinham o merito da publicidade, que lhe fazia render os cem por um com que Deus retribue, segundo o texto sagrado, áquelle que dá a Deus.

Os seus principios de fé commercial levava-os publicamente ao ponto que já vimos com o revendão Vaz Gil.

Tambem uma vez por semana tinha de costume andar de noite com sua aleofa, ao peditorio para a Misericordia, que estava assentada n'essa epoca junto ao postigo da rua das Canastrás, ou *Porta do Mar Antiga*, á qual correspondia a porta travessa da mesma igreja da Misericordia.

Temos o retrato moral do mercador Samuel. Agora é necessario descrever-lhe tambem o physico, porque de ordinario ha uma tal connexão entre ambos que muitas vezes um nos induz a suspeitar do outro. Não sabemos se a força de uma idea, actuando constantemente no homem, chega por fim a moldar por ella esse typo caracteristico, de que os pintores se aproveitam para retratar com o pincel o sentimento espiritual que não tem forma para se reproduzir; mas o facto é que nas feições do avarento sobresaem logo os toques d'este vicio; nos ademanes, gestos e fallas do velhaco se lhe descobre a tenção reservada de enganar e illudir; nos olhos do libidinoso se lhe adivinham os desejos d'alma.

A sua figura esqualida e ossuda, repugnante



CASA DO CORREIO EM S. PETERSBOURG.

á vista pela curva desproporcional da espinha dorsal que o fazia pender demasiadamente para diante, não erguendo nunca a vista, nem mesmo para a pessoa com quem fallava, illuminava-se com uma expressão mais hedionda quando a cubiça lhe fazia scintillar os pequeninos olhos, forrados de uma orla vermelha, e tão escondidos pela cara dentro, que custava a distinguir-lh'os. O nariz, grande e bastante avermelhado na ponta, era o que mais lhe sobressaía no rosto, e uma bocca rasgada e contornada por grossos labios, parecia talhada para dar saída a fallas volumosas e rijas; mas não era assim, porque ninguem se lembrava de lhe ouvir palavras que chegassem á diapsão natural, tão mansamente fallava, e tão brandas eram as suas vozes.

São dez horas da noite do dia 5 de Janeiro, e a esta hora vamos encontrar Samuel saindo de casa ao Arco do Espinho, e dando volta por um becco escuso, que ficava na trazeira da sua habitação, bater n'uma porta tão velha e carunchosa, que parecia impossivel servir ainda de guarda a qualquer habitação.

Nem uma unica luz se via por entre as adufas das poucas e raras moradas d'aquelle becco. A escuridão era por este motivo tão completa, que muita pratica se precisava, e muito conhecimento do sitio, para acertar com a casa que se buscava.

Quem d'esta fosse o morador não o sabiam os visinhos, pois não havia noticia de se ter visto alguem ali de dia. Dizia-se que saía diariamen-

te um pouco antes de alvorecer, e nunca se recolhia senão por noite bem adiantada.

Sobre seu emprego corriam varias versões. Fallavam uns em que se occupava nos trabalhos da casa de um fidalgo cujo nome se não citava; outros, que era empregado no tribunal da inquisição, e que tinha a seu cargo a guarda de varios carcerees onde mais cuidadosamente se encerravam os convictos de heresia até lhes chegar a hora do auto da fé. Esta crença, que era a mais geral, defendia aquella poisada de uma indiscreta curiosidade; o que servia á maravilha os designios do seu habitador. Outros tomavam a casa por habitação de um feiticeiro; e alguns rapazes chegavam mesmo a certificar terem visto algumas vezes, já de noite, sair uma chamma muito viva e azulada, depois de negros turbilhões de fumo, por um buraco que havia na parede, o que necessariamente não podia deixar de ser a prova de que o feiticeiro se entregava aos seus sortilegios.

O facto era que nunca de dia se vira ninguem bater áquella porta; e que sómente uma vez por semana, e sempre em noites desencontradas, se ouvia ali um confuso ruído de vozes, como de gente que altercava, e ás vezes até horas bem avançadas.

Tudo isto dera ao principio muito que scismar á vizinhança; mas por fim o habito venceu a curiosidade, e na epoca que historiamos já ninguem fallava d'aquelle mysteriosa casa, da qual tudo se afastavam com um terror supersticioso.

Continua.

A.

OBSCURIDADES NA PRIMITIVA HISTORIA DA LUSITANIA.

Quem pode hoje, lançando olhos sobre a carta geographica de Portugal, marcar com precisão os pontos onde os primitivos habitantes edificaram as suas cidades? Quem pode immergindo vistas prescrutadoras por entre as trevas do passado, contar uma por uma todas as gerações e raças de homens, que successivamente se foram seguindo até chegarmos ao ponto de nos constituir em monarchia? Quem pode afirmar que o nome do canto da Europa que habitamos fosse primitivamente este ou aquelle, e não tivesse também passado como os homens por successivas modificações, até se fixar no de Lusitania com que chegou ao nosso conhecimento?

Ninguém; e não venha d'ahi o mais presumido de saber antiguidades, e profundar archeologias, querer-se-nos impor com a sua sciencia. Famoso foi Hercules nas viagens e trabalhos por esta parte do mundo, e não se aventurou a passar para cá do estreito de Gibraltar: deu-se por satisfeito de assentar ahi as balizas que marcavam o termo das suas peregrinações, e voltando costas á terra que lhe ficava mais occidental, enganou os geographos contemporaneos com o famoso rotulo do *non plus ultra*, que assentou no marco das suas trabalhosas lides. Não foi terra que lhe faltou onde podesse saciar o furor tourista: foi mingua de animo, por não dizer fraqueza.

Não depõe muito em prol dos conhecimentos geographicos d'esta fabulada divindade o receiar aventurar-se mais longe. Os nossos primitivos povos deviam ser barbaros, e os nossos mattos podiam crear hydras. Até seria proprio da sua grande curiosidade desenganar-se pelo testemunho dos olhos se cá existia outro celebrado jardim das Hesperides cujas arvores produziam pomos de ouro. Para nós era forte a tentação de acreditar na mythologia, se nos não dissessem que foi da China que vieram as primeiras laranjas que tivemos na Peninsula. A não ser este pequeno inconveniente, que logo faria conhecer um erro na chronologia, aceitavamos de bom grado a poesia d'este primor de floricultura com os seus temerosos dragões que não deixavam aproximar á arvore tentadora; porque realmente o nosso clima, com os seus odoriferos pomares de laranjeiras, podia mui bem escandecer a romantica imaginação de um fabulista, que nos fizesse o presente de assentar aqui o formoso Eden da mythologia greco-romana. O peor são as datas.

Mas quem sabe, poderá dizer-nos algum esperto antiquario, se Baccho que andou lá pelas Indias, e veio também a estas paragens da Hespanha, visitou a China, e d'ahi nos trouxe o mimoso presente das laranjeiras! Não admiraria, responderemos, que tão bom amador das coisas boas, — o primeiro mestre de plantar,

empar, e amanhoar a vinha, e que é fama n'este ponto lançou a barra a Noé — viesse também carregado com pés de laranjeiras como qualquer horticultor francez ou belga, d'estes que nos honram todos os annos com a sua visita: mas aqui entra a nossa duvida, se Baccho andou cá pela terra primeiro que os fabulistas lobrigassem o jardim das Hesperides, ponto que na historia não está lá muito claro. Nós decidimo-nos pela criação do jardim antes de haverem as divindades de segunda ordem, mesmo por que o deus em chefe devia querer que as divindades peregrinadoras achassem cá na terra coisas dignas d'ellas; portanto, temos segunda vez a chronologia pela prôa, e por isso hão de permittir-nos que continuemos a duvidar.

E que não teremos também de dizer da viagem do manhoso Ulysses á nossa formosa Lisboa, durante a longa peregrinação que por tantos annos o furtou aos braços da sua fidelissima Penelope? A honra é mui grande para a aceitar, lembrando-nos que o bom do rei da Grecia, que andava corrido pelos temporaes, e almejando por voltar á cara patria, d'onde os enredos de Circe o traziam tão arredado, se occupasse em fundar cidades e estabelecer colonias, quando depois de tantos trabalhos de uma rude navegação, e tamanhos naufragios, havia necessariamente carecer de gente para a marção das suas naus, com as quaes era de suppor quizesse chegar a Ithaca.

E da viagem de Tubal! De certo que muito teve de peregrinar o descendente de Noé, pondo-se a caminho lá das visinhanças do monte Ararat, onde poisou a arca salvadora do universal diluvio, — e que portanto devia ser o primeiro assento d'aquella geração que saiu incolume do cataclysmo — para chegar aqui á embocadura do Sado a levantar uma cidade! Viajante famoso, que naturalmente vinha de passeio encostado ao seu bordão, admirando as formosas paisagens por onde atravessava, não encontraria sitio mais encantador para fixar a sua residencia antes de cá chegar? Coitado do pobre Tubal! que de noites inclementes não passaria em tão longa jornada, sem poisadas pelo caminho onde se abrigasse da inclemencia das estações! que soes tão ardentes não lhe torrariam o corpo n'esta estirada peregrinação, se porventura os montes e os valles que atravessava não estivessem bordados por copadas e frondentes arvores que lhe sombreassem o caminho! A gloria de levar a cabo a empresa de vir cá mimosear-nos com uma cidade, não é muito para invejar, ainda mesmo mettendo em linha de conta os finissimos gorgeios que pelo caminho lhe descantariam as avesinhas para o entreter, e as lindas auroras que gosaria atravessando as altas serras e cordilheiras da Europa.

Tubal, porém, não veio por terra. Pois bem: porque veio cá tão longe, quando tinha lá mais proximo por onde se accommodar? Faltavam-

lhes portos no Mediterraneo, mais tentadores que o da entrada do Sado? De certo que não. Agora nos lembra: talvez que Tubal fosse famoso pirata d'aquellas eras, e abicasse pelo estreito fugindo a um outro navegante que lhe desse caça, e viesse cá pôr-se a seguro. Sendo assim não honra muito a origem da fundação. Verdade é que os principios de Roma se contam por dois engeitadinhos lançados ao desprezo sobre o Tibre, e Roma foi a cabeça de um grande poder temporal, e ainda hoje o é de uma grande communhão espiritual. Que tem isso? Roma soube resgatar-se das facinorosas empresas de Romulo pelos arrojados commettimentos dos seus soldados conquistadores: Setubal deixou-se descair de cidade em villa.

Devaneios poderão chamar os apaixonados das origens fabulosas a esta nossa descrença. Permittimos-lh'o; mas tambem hãode consentir que pela nossa parte não prestemos credito a nenhuma d'estas fabulas. Assim ficamos quites, pagando liberdade de opinião com a mesma liberdade. Temos por nós a razão e o raciocinio para nos ajudarem a duvidar: por si tem uma cega credulidade, o que quasi sempre induz ao erro. Remontando até aos celtas ou iberos ainda lhes prestaremos fé; recuar mais além já nos não é possível, bem como nos repugna acceitar muitas das fabulas urdidadas depois d'elles. Se até nem se pode fixar o ponto d'onde vieram estes povoadores da Lusitania!

Quer fosse pela sua vida selvagem, quer pela rudeza dos costumes, a obscuridade é completa relativamente a estes povos. A historia unicamente principia a aclarar-se com a dominação carthagineza; porque então já os historiadores romanos nos fallam d'estes povos indomaveis e heroicos, que com as tropas de Carthago passaram os Alpes, e penetraram na Italia com Annibal. O Tessino viu a sua apparição quando ahi foi derrotado o consul Cornelio Scipião: em Trebias afugentaram Sempronio Longo; no lago Trasimeno desbarataram a Caio Flaminio, e na famosa batalha de Cannas, em que se mediram a alqueires os anneis dos cavalleiros romanos, os lusitanos combateram ao lado dos carthaginezes.

Depois, como era natural, derrotada Carthago, as suas colonias e as suas conquistas passaram paara o poder da rival vencedora. A Lusitania foi romana, como tinha sido carthagineza. É verdade que lutou por se subtrahir ao dominio, porém vencida n'essa luta, que incessantemente se renovava, cedeu finalmente á feliz espada de Julio Cesar, para seguir depois a sorte varia do imperio, e receber sem custo, já desmoralisada pela devassidão romana, as leis e os costumes dos barbaros vencedores da altiva senhora do mundo.

Se a egualdade de condições é uma utopia, a egualdade da lei é uma necessidade social.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Conclusão.

AUTORIDADE DOS VELHOS.

A autoridade dos anciãos era grande entre os israelitas. Entre os velhos era que especialmente se escolhiam os juizes e conselheiros de estado. Quando os hebreus principiaram a formar um povo, foram governados pelos anciãos; e nota-se na Escriptura, quando trata das assembleas e negocios publicos, que os anciãos vem sempre collocados na primeira linha, quando não são elles os unicos mencionados.

Para se calcular a idade em que os hebreus contavam a ancianidade, basta reparar na Escriptura quando chama mancebos áquelles cujo conselho Roboão seguiu. Ora diz o livro santo, que haviam sido creados com elle; do que se deve concluir, que, andando pela mesma idade, tinham então quarenta annos.

ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA.

Os cargos da justiça davam-se aos levitas, aos sacerdotes, aos chefes de familia, que todos elles, pelo seu character e idade, podiam exercer com integridade estas funcções.

Os juizes das cidades particulares eram em numero de vinte e tres. Deviam reunir-se todos para as sentenças de morte, e para as causas particulares e negocios de menor monta bastavam tres. Quando eram mui difficeis as questões apresentadas nos seus tribunaes eram devolvidas ao senado de Jerusalem. Este compunha-se de setenta anciãos, presididos pelo summo pontifice.

Ordinariamente o logar das sessões dos juizes era á porta das cidades; porque sendo os hebreus mui laboriosos, saindo de manhã para o trabalho, e regressando á tarde, por isso a porta da cidade era o sitio onde mais se encontravam; e os juizes sentenciavam em presença de toda a assemblea.

Como a lei de Deus regulava tanto os negocios temporaes como os da religião, não havia distincção entre os tribunaes: os mesmos juizes decidiam os casos de consciencia, e terminavam os processos civis e criminaes.

Uma sentença de morte era dada com escrupulosa attenção. Os crimes em que ellas recaiam especialmente eram o homicidio voluntario e premeditado, o adulterio, a blasphemia, o testemunho falso quando por elle morria algum innocente; porque entre os israelitas guardava-se escrupulosamente a pena de talião.

Quando acontecia a alguém matar involuntariamente um homem, ia logo procurar asylo n'algunha das cidades para isso destinadas, e que se chamavam cidades de refugio. O autor da morte involuntaria não podia ser perseguido ali pelos parentes do morto; e demorava-se no re-

fugio até se acabar o processo, e provar-se a sua innocencia.

Aos supplicados, para lhes diminuir a sensação da dôr, dava-se-lhes a beber vinho misturado com incenso, myrrha, e outras drogas fortes que entorpeciam os sentidos. Os supplicios mais usados eram a cruz, a suspensão por meio de corda ou forca, a lapidação, o fogo, a serra, o azorrague e a prisão. Algumas vezes eram os criminosos passados por baixo de um cylindro ou rodas armadas de navalhas; ou precipitados de um rochedo; mettiam-n'os em torres atulhadas de cinzas; martyrisavam-n'os com espinhos ou os faziam pisar pelas patas dos cavallos; arrancavam-lhes os olhos; estendiam-n'os no cavallete; arrancavam-lhes os cabellos, além de outros supplicios ainda mais crueis, mais suggeridos pela barbaridade, do que ordenados pelas leis.

GUERRA.

Todos os israelitas, sem exceptuar os levitas e sacerdotes, eram obrigados a pegar em armas quando havia guerra. Por isso os soldados contavam-se por aquelles que tinham idade de servir. Esta fixava-se nos vinte annos para cima. Corriam ás armas logo ao primeiro aviso, e assim encontrava-se o principe com tropas numerosas, e tanto mais proprias para os exercicios militares, por isso que se compunham de lavradores e pastores, costumados desde a juventude á fadiga e ao trabalho.

Marchavam ao som de trombetas, cada um na sua tribu, que se dividia por companhias, com um capitão e officiaes para a conduzirem.

Não era difficil aos israelitas vitualhar os seus exercitos; porque os inimigos de ordinario eram mui proximos, e o paiz tão pequeno, que muitas vezes vinham dormir a casa. A marcha era de uma, a duas jornadas.

As armas offensivas eram a espada, larga e curta que andava pendente sobre a côxa; o arco e as flechas, os dardos e as lanças, e a funda, da qual se serviam com muita destreza. Muitos combatiam com ambas as mãos, o que provava grande exercicio. Nos combates serviam-se de carroças, cujas rodas eram guarnecidas com pontas de ferro, e dentro d'ellas iam um, ou dois homens. Precipitavam estas carroças sobre o inimigo, mettendo a confusão entre as suas fileiras e batalhões.

As armas defensivas eram o escudo, o capacete, e a coiraca.

Nunca usavam armas, nem mesmo espada, senão em tempo de guerra.

Os israelitas não tiveram cavallaria senão no tempo dos reis. Estimavam muito o sacco e os despojos. Estes eram distinctivos de honra.

Quando se dispunham a sitiar uma cidade, offereciam-lhe a paz antes de romperem as hostilidades. Se a cidade aceitava as condições propostas fazia-se tributaria; se as recusava e re-

solvia repellir a força pela força, depois de tomada passavam-se todos os varões á espada, poupando-se unicamente as mulheres e as creanças.

DOS REIS.

Os reis tinham direito de vida e morte, e podiam fazer morrer os criminosos mesmo sem as formalidades da justiça. Lançavam tributos a seu aprasimento; reuniam o povo quando entendiam conveniente, e tinham sempre prompto um certo numero de tropas. Afora isto o seu poder era muito limitado. Obrigados á observancia da lei, como qualquer particular, não a podiam derogar, nem accrescentar. Não ha exemplo de nenhum d'elles fazer lei nova.

Apênas subiam ao throno, os sacerdotes davam-lhe uma copia do Deuteronomio, o qual era obrigado a fazer transcrever para seu uso, e a lê-la amiudadas vezes para aprender a lei do Senhor, e as santas ordenanças.

Os reis eram os primeiros e os soberanos magistrados do seu povo, ao qual muitas vezes elles proprios administravam justiça. Na vida domestica eram mui simples, e ainda que appareciam em publico muito acompanhados, o serviço interno do palacio era feito por mulheres.

SYNAGOGAS.

Além do templo de Jerusalem, havia nas outras cidades logares consagrados ao serviço divino, que se chamavam *Synagogas*, ou casas de assemblea. Na Synagoga orava-se, lia-se a Escripura sagrada, e prégava-se. O povo concorria a ellas tres vezes por semana, não contando os dias festivos e de jejuns. Cada Synagoga tinha um certo numero de ministros, encarregados dos exercicios religiosos que deviam desempenhar. Deviam ser sacerdotes e levitas; porém á falta d'estes escolhiam-se os anciãos mais autorizados por sua idade e virtudes.

A.

ORDEM DA AGUIA BRANCA NA POLONIA.

Foi instituida em 1325 pelo rei Uladislau v, no casamento de seu filho Casimiro o Grande, com a filha do duque da Lithuania.

Um ninho de aguias, achado pelos primeiros reis da Polonia, quando tratavam dos fundamentos da cidade de Gnesne, foi a origem de se tomar a aguia por insignia da dita ordem.

O seu collar era uma cadêa de oiro, da qual pendia a figura de uma aguia, coroada de prata.

O homem com razão recusa sujeitar-se ao despotismo dos reis; mas sujeita-se, como vil escravo, ao imperio das paixões.